

Typo do provinciano analphabeto — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

O provinciano analphabeto é um ser que na vasta cadêa dos phenomenos animaes occupa um dos primeiros logares.

Recebendo á nascença, com heroica valentia, a primeira e impetuosa camada de ar que lhe entra nos polmões, bem como a estranha impressão da mudança de temperatura, que deve ser fresca de mais para quem sáe de uma especie de forno, nasce sem chorar, dando assim logo persuasivas mostras do que ha de vir a ser, nas proesas com que, mais tarde, humilha e ridiculisa o rachitismo e precauções hygienicas dos alfacinhas.

Em desforço, porém, das regalias aristocraticas, o nascimento do provinciano opera-se, como facto moral, tão obscuramente como o de um verme subterraneo, e, á excepção da sua familia e aldeolas comvisinhas, ninguem mais, até á consummação dos seculos, tem conhecimento do individuo, salvo se apparece na cidade, onde a sua presença desperta espontaneamente todas as curiosidades, attrahe todas as attenções, e o seu trato constitue as supremas delicias dos amadores do genero.

Respirando o ar livre dos campos; criado com bom leite; desmammado com a classica e desenjoativa boroa de milho; passando longos interregnos da alimentação e do repouso nocturno, com a pelle sobre o fresco chão de puida pedra; levando a miudo com a tranca da porta; bebendo da cristallina agua das fontes agrestes; costumado de pequenino a ajudar o laborioso pae, que segue á risca o rifão — «o melhor servidor do mestre é o proprio mestre» — nos arduos misteres praticos da lavoura; banhado pelos raios ardentes de um sol constante, o provinciano attinge o desenvolvimento colossal, as côres da camelia vermelha, a robustez e força muscular d'Hercules, e uma rigidez e impenetrabilidade de cutis á prova d'aço.

O provinciano analphabeto é um homem litteralmente patriarchal. Os habitos, costumes e conhecimentos de seus avós representam para elle o mesmo valor moral e utilitario que o Alcorão tem para os mouros, de quem é moralmente, á parte a crença religiosa, um retrato fidelissimo.

Além do alcance d'essas costumeiras e abusões, não vê nem quer ver uma pollegada.

Por isso não admira que o provinciano agricultor analphabeto seja o homem que menos sabe do seu officio.

Fallae-lhe no lavadouro de raizes de Crosskill, no cylindro de Pernollet, na locomovel de Garrett, em todos esses portentosos ensaios do engenho humano para melhorar a sorte do lavrador e das povoações,

alargar á agricultura a esphera dos recursos, apressar e desenvolver a somma dos resultados; fallae-lhe n'essa admiravel sciencia do amanho, que transforma o solo mais arido n'uma mina inesgotavel e permanente de fructos variados, n'essa deusa da abundancia, que com uma mão afasta o flagello da carestia, e com a outra derrama a riqueza e a felicidade pelas nações; fallae-lhe nas machinas e conhecimentos lá fóra triviaes e de absoluta necessidade, como a sonda de Palissy, a importancia da sondagem, os apparelhos de Guibal, o apurador de Champion, o laminador de Clayton, as charruas de Parquin, e vereis com que pretencioso e convicto desdem vos ouve esse fallar grego para elle; como depois, n'uma estirada dissertação, imagina eclipsar todos esses melhoramentos; como, finalmente, tomando o aspecto e tom irritado dos doutores do antigo synedrio judaico, vos taxa tudo de artificiosos meios de roubar-lhe a bolsa, e conclue com o dito sacramental — « meus paes não precisaram de nada d'isso para viver, toda a vida se arranjaram com o que acharam: nós havemos de viver tambem. »

Não está mais adiantado que o arabe cultivador do Egypto ou o selvagem da America.

A *pinta* é a sua mais rapida e proficua sondagem; desfazer entre os dedos um torrãosinho, a mais fecunda analyse e segura experiencia, o seu tira-duvidas, por excellencia; a enxada e o classico arado dos avós, o suprasummo dos instrumentos agricolas; as patas do boi, as suas mãos, o tempo e o sol, os unicos agentes complementares.

Não obstante, é pacifico, e nada lhe altera os habitos normaes, se qualquer circunstancia estranha aos seus olhos, ou á sua intelligencia lhe não toca pela porta. Mas se passa um aerostato por sobre os seus terrenos, ou bispa um engenheiro com instrumentos topographicos e traçando planos, então é que se torna mais temivel do que um hippopotamo ferido, ou leôa enraivecida.

Supersticioso como uma beata velha, tão leigo na construcção politica das sociedades civilisadas como um indigena dos sertões virgens da Africa; tendo, como os indios, a bossa da phantasia dos espiritos aereos; cioso da independencia como os pretos d'Angola, imagina logo que um genio diabolico lhe vae devastar as searas, comer os fructos, decepar as arvores, e empestar as terras; que um artificioso, um magico, um feiticeiro do governo traça meios engenhosos de mais larga e indefinidamente o roubarem, pela accumulação successiva de novos tributos, ou de lhe eliminarem a propriedade com uma rede de estradas e vias ferreas.

Então, coitado do aeronauta ou do engenheiro que se lhe expozer ao alcance! Não lhes valerão elucidações, nem lagrimas, mesmo porque não terão tempo para isso. Estão em tribunal de justiça á mourisca, em parlamento onde se não admittem explicações. Para estes inimigos inflexiveis, e dos mais manhosos que o espirito da libertinagem póde originar, não ha questões prévias, declarações, amnistias, nem protocolos possiveis!

O provinciano analphabeto não aprendeu a ler e contar, porque seus paes e avós passaram sem isso. Calcula de cabeça, no que tem certo orgulho; conta pelos dedos, arithmetica, em verdade, duplamente vantajosa, porque é, além de visivel, palpavel. Mofa, por isso, dos patricios que mandam os filhos á eschola; mas muda logo de opinião se a fortuna o assopra! n'este caso, adeus tradições, adeus costumes, adeus habitos, adeus opinião politica de familia, e o que é mais, passa de extremo a extremo. Na variadissima e quasi illimitada serie dos misteres sociaes, já não vê para seus filhos senão um capello de doutor, uma cadeira de deputado, ou uma farda de barão, e, nos bons tempos dos frades, um habito franciscano, cuja eliminação do catalogo dos parasitas humanos lhe não póde ainda passar da garganta para baixo!

O profundo desprezo, o odio hereditario que em demasia nutria contra as casacas, vae-se-lhe de rojo com a miseria, e eil-o a encommendar logo logo ao mais afamado e barateiro algibebe, ao Nunes, por exemplo, uma encadernação completa, sobre-casaca de panno inglez, colete de veludo de lã côr de ginja com grandes ramos pretos, e calça de casimira dobrada, em quadradinhos, tudo obra de dura e meio moda, remettendo, ao mesmo tempo, a medida da sua cabeça para o melhor chapeleiro, que o correspondente substitue por um adelo, onde lhe compra o mais colossal dos quicos de quarenta annos d'edade, milagrosamente escapado á furia de muitos carnavaes.

Com este novo e elegante uniforme, que lhe fica a matar, grilhão ao pescoço, e annel de chapa no dedo indice, é que o provinciano abastado apparece em Lisboa, olhando a todos por cima do hombro, com um sorriso desdenhoso digno da muita roupa suja que ainda por ahi resta dos antigos fidalgos, e perguntando na Praça das Flores, onde fica por alli a memoria do Terreiro do Paço!

É este o typo ridiculo do provinciano analphabeto e enfatuado, que nós tentámos representar na figura que para desenfado desenhámos, e hoje divulga o *Archivo*.

Ao provinciano, que é o avesso d'estes taes brutamontes, melhor cabe o nome, menos criticado, de provincial.

NOGUEIRA DA SILVA

EXTRACTOS DE UM LIVRO INÉDITO

(Vid. pag. 130)

CASA ONDE FALLECEU O GRANDE POETA PORTUGUEZ ALMEIDA GARRETT

A Inglaterra, que póde dar lições ao mundo não só no modo por que premeia os serviços dos seus homens illustres em quanto vivos, como nas honras que lhes presta depois de mortos, conserva, armada e fundeada na bahia de Portsmouth, a nau *Victoria*, a bordo da qual o immortal Nelson pagou com a vida a gloria de Trafalgar. Se o governo de Portugal comprasse e conservasse, com a propria mobilia, a casa onde falleceu Garrett, os politicos chamariam desperdicio a esse acto de nacionalidade, que poderia custar uns vinte contos de réis. Entretanto, com que prazer as gerações futuras iriam alli, ao sanctuario, consagrado, pelo patriotismo e pelo tempo, ao talento d'um grande poeta, estudar os seus gostos, as suas fantasias, uma das suas feições mais caracteristicas, porque assim como certas aves se conhecem pela fórma dos seus ninhos, assim certos homens se podem avaliar pelo interior da casa onde vivem, e pelos objectos de que se rodeiam. Os economistas austeros dirão talvez, que os moveis se consumiriam dentro de cem annos, os estofos em menos de vinte, e que portanto seria perdido o dinheiro que por elles se désse. Mas a *Victoria*, armada para honrar a memoria de Nelson, vale, pelo menos, oitocentos contos de réis, e as aguas do canal da Mancha de certo a não respeitarão eternamente. A Inglaterra, porém, não regateia quando paga os serviços que se lhe fazem; por isso cada peça que o mar e o tempo forem despegando do navio celebre, será logo substituida, conservando-se-lhe religiosamente a fórma primitiva, a fim de que, passados muitos seculos, pareça ainda, animado pela alma do valente almirante, transmittir ás esquadras

do seu paiz aquellas palavras de sublime eloquencia: — *A Inglaterra confia que cada homem fará o seu dever.*

A casa e a mobilia de Garrett podiam ser conservadas como a nau *Victoria*, se nós, que pretendemos imitar tanta piegnice estrangeirada, procurassemos tambem imitar actos dignos do louvor de todos.

E cito o exemplo da Inglaterra e de Nelson, porque existem muitos pontos de contacto entre o poeta portuguez e o heroe de Aboukir e Trafalgar. Ambos engrandeceram o nome das nações que lhes deram o berço, um com a espada, outro com a penna. Mas o lado por onde elles mais se aproximam é o do coração, que ambos tiveram extraordinariamente inclinado ás mesmas paixões e... a eguaes fraquezas. O amor, ambição insaciavel das almas ternas, como lhe chamou outro poeta, foi o escolho da vida de ambos. Subjugados pela belleza, por essa fatal e sublime realeza dos sentidos a que ninguem resiste, ambos deixaram na sua vida sombras de que o biographo ousa apenas aproximar-se a medo, mas que as exigencias da historia illuminam ás vezes com uma luz tremenda!...

....

A casa onde falleceu o visconde de Almeida Garrett está situada no lado occidental da rua direita de Santa Isabel, e tem o numero 56. [1] Fica-lhe fronteiro o cemiterio dos inglezes, cujos altos cyprestes a assombram com sua funebre melancolia. Singular local para um homem como era Almeida Garrett! Alguem lh'o inculcou de certo. Elle não pertencia a essa raça de individuos que gostam de *philosophar* ao pé dos tumulos, não era de caracter melancolico, não evocava em seus cantos as nenias e os vampiros, e sobretudo não gostava de pensar na morte. Se o não levou alguem a escolher aquelle logar, que acaso mysterioso o conduziu então alli? Acaso?

> Acaso foi? — Mysterios ha na campa
> Que em tradições de seculos fundados
> Me travam de razão: crel-os não ouso,
> Mas desprezal-os... tambem não......

Seria por ventura a morte que o chamava? Fosse o que fosse; eu, que não tenho prejuizos, tomei zanga á casa desde o principio. Em balde o poeta me mostrava os excellentes e vistosos panoramas que se desfructam das cinco janellas da frente, e do muro do jardim; nada podia attenuar em mim a má impressão que me causava a visinhança do cemiterio. Garrett zombava e mettia á bulha muitas vezes a accusação que eu lhe fazia de mau gosto na escolha do sitio, e dizia-me entre muitas coisas que *de todos os visinhos nenhum é tão discreto como um inglez morto*

A verdade é que elle se mudou para alli em 30 de outubro, e no fim de 39 dias estava morto! Este acontecimento não auctorisa prejuizos mais ou menos ridiculos, mas justifica-me a mim a immensa repugnancia que sempre tive á ultima habitação do poeta, pela proximidade do cemiterio. E justificou tambem

> Um presagio de incognita desgraça,
> Presentimento vago e mal distincto
> De não sabido mal,

que me assaltou desde que alli fui a primeira vez. Hoje mesmo, depois de tantos annos passados, parece-me sentir ainda a tristissima impressão que durante a doença do poeta me causava de noite a vista dos cyprestes! Era uma fraqueza, conheço-o, mas uma fraqueza invencivel. Nas noites de luar, que foram raras pela inconstancia do tempo, aproximava-me ás vezes de uma janella, e arrastado por essa inexplicavel influencia que exercem sobre as pessoas nervosas as coisas ou os individuos que nos desgostam, fitava por muito tempo aquellas mudas sentinellas da morte. A luz baça do luar do inverno davalhes um aspecto ainda mais sinistro; a sua figura colossal, engrandecida ainda pelas sombras da noite, projectando-se n'um ceo pardacento, e sombrio como ellas, parecia pesar sobre mim. Todavia eu não tinha força para me afastar. Porque?...

> Mysterios ha na campa!...

Durante esses momentos, que eram para mim de indefinivel incommodo, não sei que vagas superstições se apoderavam de mim e me tornavam outro tão differente do que sou realmente. Todas as memorias da minha infancia, todos os prejuizos da minha aldêa onde nasci, me assaltavam e dominavam. Algumas vezes, apesar do frio intensissimo, ia até ao jardim para ver se o ar livre e a vista de outros objectos mudavam o curso das minhas idéas. Mas alli achava-me quasi sempre peor. Cada arbusto revestia-se a meus olhos de estranhas formas; de cada massiço de verdura me parecia ver surgir um espectro; os ramos agitados pelo vento em direcções diversas, desenhando-se no chão á pallida claridade da lua, formavam uma dança de sombras, que se me afiguravam almas errando sem descanço em torno dos sepulchros. Tudo isto é pueril, é ridiculo, mas o peor é que tendo eu a consciencia d'isso, não podia vencer similhante fraqueza, e fugia como uma criança que teme as *almas do outro mundo!*

A ultima vez que entrei no cemiterio dos inglezes foi na companhia de Garrett, que quiz mostrarme o tumulo de Fielding, o creador do romance moderno. Era um domingo; o recinto mortuario estava cheio de gente, e o poeta, com a veia do costume, ia analysando os typos que encontravamos, com uma graça que faria rir os proprios mortos, se o ouvissem. Adiante de nós passeava gravemente um homem de extraordinaria estatura, amortalhado n'um casacão pardo, de proporções enormes, similhante a uma mortalha de burel. Da cara do gigante caíam pendentes sobre o peito, em desgrenhada confusão, immensas barbas grisalhas. Tinha os olhos profundamente encovados, a côr do rosto era terrena e pallida; a testa, o nariz e a bocca tinham dimensões grandiosas; a cabeça, de tamanho fabuloso, andava mal coberta por um chapeo de seda que não alcançava á região frontal. Os pés, as pernas, os braços, as mãos e o tronco, tudo recordava a imagem pittoresca, e atrevidamente grande, do famoso Adamastor. Este prodigio passou por nós carregando o sobr'olho, e encarando féramente Almeida Garrett. O poeta resmungou algum tempo e por fim disse-me: «Vê aquelle bruto? Pois era — dizia-se — muito meu amigo, e fazia-me muita festa. Um dia encarregou o J. E. de me pedir um favor, que eu fiz, e d'ahi em diante nunca mais me tirou o chapeo. Isto admirou-me, e perguntei a J. E. se me sabia dizer a causa. J. E. foi interrogar o nosso homem, o qual respondeu que *tendo-o eu obrigado deixara de me comprimentar para não comprometter a sua independencia, porque não é nenhum sevandija!*»

Esta historia é authentica. Felner, Rebello da Silva, Gonçalves e outros, a ouviram contar muitas vezes do mesmo modo, e conhecem todos o homem que se fizera mal criado, por *honestidade de caracter.*

Tinhamos andado poucos passos quando o colosso tornou a passar por nós. «Veja que austeridade, me disse Garrett, e faça favores a estes independentes!...» resmungou outra vez, e continuou de-

[1] Hoje 78.

pois: «O que v. não sabe é que este Catão menor é um romantico façanhudo. Morre por um cemiterio, e todo elle fede a defuncto e a elegia que tresanda! Ao cair da lua vem o desalmado para aqui refocillar o seu romantismo, e empunhando uma canella de inglez, faz dar urros a todas as nenias e vampiros de dez legoas em redor.» A ridicula descripção que o poeta fazia do romantismo do gigante, fez com que muitas vezes, diante d'este, não podessem conter o riso todos os que o conheceram. Foi a vingança de Garrett; e a figura burlesca do *independente* prestava-se maravilhosamente á pittoresca descripção de que a sua grosseria o tornou victima.

Quando chegámos ao pé do tumulo de Fielding comecei eu a traduzir laboriosamente a inscripção, porém Garrett não me deixou concluir.

«Não leia isso, que é tudo mentira; a unica verdade que ahi está é o nome de Henrique Fielding, e ninguem o sabe, ou não se lembram d'elle. Pois foi um grande nome! Walter Scott chama a Fielding o *pae do romance inglez*, e la Harpe disse que o *Tom Jones* é o primeiro romance do mundo. Apesar de tudo, esta enorme tumba de pedra encerra um punhado de cinzas que foram consideradas em quanto as animava uma multidão de paixões revoltas!... — agora... quem sabe que ellas estão ahi? O que o epitaphio não diz é que Henrique Fielding viverá eternamente no *Tom Jones*, como Squire Western. O que tambem não diz esse estupido epitaphio, é que nem a Inglaterra, nem ninguem se lembrou da viuva e dos filhos d'este homem illustre, que morreram ignorados, depois talvez de terem vivido como mendigos entre poderosos homens de estado, que foram condiscipulos e se diziam amigos de seu pae! — Ah! mundo enganador!... e eu que tambem tive o meu Lyttleton em formato 32, que me nomeou juiz de paz!...» Dizendo isto, travou-me do braço bruscamente. «Parece-me que nós estamos aqui usurpando o direito do nosso romantico? Vamos ver as obras da minha casa nova, e fique advertido o meu amigo, de que tenho por visinho este illustre defuncto.»

Ainda não eram passados quatro mezes, depois que fizemos esta visita, e em frente do sepulchro onde jaz o auctor do *Tom Jones* passava o triste cortejo que acompanhava ao cemiterio dos Prazeres o cadaver do auctor do *Camões!*

....

No dia seguinte áquelle em que Garrett adoeceu, mandou-me chamar, e apenas me avistou exclamou:

«Quem me ha de valer agora áquellas obras da casa de Santa Isabel?

— Homem, trate de si, recobre-se, e depois cuidaremos da casa.

«Mas como me hei de eu curar aqui? O dr. quer que eu vá para Lisboa, e se isto tem de me ser fatal, quero morrer na minha casa nova.

— Qual morrer!... fume lá este cigarro, que não é do contracto... É verdade que v. tem sido um mimoso dos contratadores; fuma sempre bons charutos e melhores cigarros, mas estes tambem não são maus.

«Este bom é. Se quer charutos alli estão n'quella caixa... não me desarranje esses papeis! bom!... ora agora arrume-os, ande! Mas a casa?...

— Deixe lá a casa, com a fortuna! V. preoccupase com ella a ponto de aggravar a doença.

«Não o diga brincando! Se não acho uma alma caritativa que se encarregue da mudança e dos ultimos arranjos...

— Então eu?

«V.?!!!

— A admiração offende-me.

«Pois não se offenda. Não pensei em v. porque sei que lhe falta o tempo e lhe sobeja a preguiça. Mas não me admira o offerecimento; admiro-me de que se não lembre d'outra coisa.

— O que?

«Que preciso de companhia que me não seque, e se v. tem tempo para me tratar das obras, apesar do grande desejo que tenho de as ver acabadas, prefiro que esteja commigo. Que tal acha a explicação?

— Agradeço-a sem lhe fazer um discurso.

«Mas a casa?

— A casa... é negocio muito serio.

«Gravissimo.

— Estamos salvos! Que estupido esquecimento o meu! Temos um homem excellente, magnifico, unico.

«Quem é o prodigio? Diga depressa! Descubra-me essa nata do genero humano.

— Quem ha de ser? o Gonçalves. Aquelle e bom paciente amigo, que sabe de tudo, que para tudo tem muito gosto, e que faz tudo quanto se lhe pede.

«Era bom, era; porém eu hei de atrever-me a pedir-lhe similhante coisa?

— Grande audacia! Se nunca teve outras maiores, não tem de que gabar-se. Ainda não conhece bem o Gonçalves; ha de agradecer-me as suas relações mais tarde. O prazer d'elle é ser util a alguem, e para o obrigar a v. fará milagres.

«Pois se elle não tem medo de que eu deixe de o comprimentar, como aquelle homem dos vampiros me fez a mim...

— Não tem; respondo em tudo por elle: até n'isso.

«Porém...

— Não me faça mais observações!... Que mais quer? *Eureka!* Achei, inventei-lhe o unico homem possivel nas nossas circunstancias, e v. não fica contentissimo?

«Estou ébrio d'alegria; doido furioso de contentamento. E quando falla ao Gonçalves?

— Hoje á noite, e ámanhã aqui venho com elle.

Fizeram-se as conferencias, e dois dias depois recebia o Gonçalves a seguinte carta escripta pela propria mão do doente:

«Segunda feira 11 de setembro [1] — Meu amigo e senhor — Já que quer ter a bondade de me valer n'este fatal aperto em que me vejo, pondo alguma ordem n'esta minha mudança de casa, que tanto aggrava os meus padecimentos, faça a caridade completa, e inteire-se de todo o gravissimo negocio que estupidamente emprehendi sem forças nem cabeça para o desempenhar: tanto que, se me não acudisse providencialmente o seu obsequio, entregava-me á sorte, e deixava tudo. Eis aqui o estado da questão:

«Entremos pela dita casa de Santa Isabel, e pela sua porta principal.

«1.º O vestibulo precisa de dois banquinhos, ou duas cadeiras, que á vista designaremos. Segue-se uma porta na escada, que ha *seis mezes!* se anda fazendo, e como viu, não está feita. Esta porta com dois batentes precisa uma ferragem especial para a porta poder girar. Ajustei a confeição e pintura da porta com o meu armador Gaspar, por 12$000 réis, tendo de levar em cima as iniciaes de meu nome, e o timbre de minhas armas (que eu forneço de fóra parte em metal dourado); a pintura de magno, dois oculos redondos no meio das portas (que eu tambem forneço).

«Não a aprompíando já Gaspar (ou o seu carpinteiro) temos de a mandar fazer a outro, e Gaspar

[1] A sua correspondencia commigo e com Gonçalves, ácerca da casa, é assaz volumosa e interessantissima. Ella mostra não só as pequenas coisas que tanto o preoccupavam e servem para a historia da sua vida, mas tambem se póde tomar como modelo de estilo, e objecto de serio estudo litterario, para se apreciar o escriptor. Toda ella se publicará no livro de que estes apontamentos são parte.

que leve o que está principiado desde abril, e nunca acabado.

« O chão de pedra que fica entre a dita porta e a escada é pintado a branco, assim como o alisar, e precisam reparados.

« A escada pintada a magno precisa verniz, porque é a tempera, e o pintor roubou-me ao verniz.

« Faltam tres varões de metal para segurar o tapete da escada.

« O candieiro ou bico de gaz da escada não é do meu gosto. Quem o collocou foi o Imberton, agente da companhia, e foi com a condição de se mudar se não agradasse. O dito Imberton deve mandar dois ou tres para se escolher, collocar-se o escolhido, e fazer-se de modo que não offenda o estuque.

« O patim da escada até cima aonde chega a pintura, estuques, roda-pés, etc., tudo precisa reparo de pintor, verniz a escada, etc.

« 2.° Todas as portas do primeiro andar precisam reparo, e trabalho de carpinteiro e de pintor. Verniz nas portas e janellas dos tres quartos da frente; a saber; saleta, livraria e sala.

« 3.° Casa de jantar está prompta, menos portas, janellas, e duas boas mãos de verniz que precisa o sobrado da dita sala, e o do corredor principal que a ella conduz. Cadeiras precisam polidas.

« 4.° A saleta ou sala de espera leva quatro cadeiras de marroquim, que tambem precisam polidas. Tem obrigação o Gaspar de as polir. Leva mais duas bancas de jogo bonitas, de magno, como já tratámos. O tapete posto em termos (que não está), obrigação de Gaspar; e um transparente na janella, que escolheremos.

« 5.° Livraria. — Tapete posto em termos, como já dissemos. Relogio proprio, puxador de cordão, que diga com as cortinas, na campainha. As cortinas estão mal postas, como já observei; os transparentes brancos indignamente postos. Se Gaspar os não põe já em termos, e repara o mal feito, mudaremos de armador. Ficam n'este quarto os trastes seguintes:

« 1.° A banca grande de escrever, que precisa um oleado (que escolheremos).

« 2.° A cadeira *abbacial*, que precisa forrada de novo da mesma fazenda das cortinas.

« 3.° De um mocho dito dito.

« 4.° De uma banca subsidiaria, mesmo estilo sebastianista.

« 5.° Duas cadeiras genovezas, que só precisam limpas.

« Portas, alisares, guarda-pés e paredes, tudo precisa reparado de pintura.

« 6.° Meu quarto de cama.

« Tapete posto em termos, que não está (obrigação de Gaspar), papel chamado *perse*, escolhido egual a uma chita que ao mesmo tempo se deve comprar, tudo alegre. A chita é para coberta e armação (mui simples) da cama; e da mesma chita serão forradas duas cadeiras ou tres, que destinaremos para serviço do quarto da cama.

Verdadeiro retrato de S. Francisco Xavier no estado em que se achou aos 12 de outubro de 1859



Segundo um desenho de Luiz Maria de Noronha e gravura de Naranà Biqueia Xette

« A cama é *sebastianista*, e está a concertar em casa do meu amigo o visinho marceneiro. Tem um colxão de molas que está a concertar em casa do meu colxoeiro ao calhariz.

« A janellinha da fresta está muito mal feita, e precisa alterada como disse, antes de se pôr o papel.

« A porta falsa que vae ao retrete tambem precisa arranjada antes de receber o papel, como já dissemos.

« Os cordões das duas campainhas á direita e esquerda da cama, de côr que diga com a chita da armação da cama.

« 7.° Sala. Tapete bem posto; portas reparadas, alisares, roda-pés, etc., etc., cortinas brancas bordadas, com um *manteau* de damasco encarnado nas janellas (eu forneço o damasco, que tenho); papel novo que escolheremos; puxadores (ou não sei como se chamam) encarnados, nas campainhas. Os trastes, que só á vista poderemos designar, e que ficam n'esta casa, tem de ser reparados e recobertos alguns, para dizerem com as cortinas.

« O interior do fogão da sala bronzeado do mesmo modo que está o exterior do fogão da livraria. Sobre a pedra do dito fogão um espelho dourado, cuja moldura deve dizer com as galerias das cortinas das janellas. A sala não leva passadeiras de hollanda sobre o tapete. Portas, alisares, e roda-pés, repassados de pintura. Transparentes brancos nas janellas da sala.

« Apontamentos geraes.

« 1.° — Tenho alguns espelhos que preciso trocar ou vender, os que não servem nas salas.

« 2.° — Um d'elles ha de ser collocado no primeiro patim ou no alto do primeiro lanço da escada, que é moda agora.

« 3.° — Ha varios trastes que não servem ou não cabem na casa, e que havemos de trocar ou vender.

« 4.° — Ha tres camas de ferro que preciso trocar por outras mais maneiras e simples.

« 5.° — Estou cançado de aturar desde o mez de fevereiro as mangações do sr. G. que tudo tem feito indignamente; e depois de quatro, seis e sete mezes de espera, e além d'isso é careiro, e rouba atrozmente.

« Mas ha um homem que eu conheço, que põe papel, e estofa, e faz todo o preciso de armador, e que se accommoda em preços, o qual se chama *Militão José Ferreira*, e agora poz loja na rua nova da Trindade n. 24.

« Dou ordem a este para que se apresente a v., se elle effectivamente se accommodar será bom aproveital-o. Mas prefiro qualquer que tenha a confiança de v.

«6.º — Os cartões para as estantes da livraria estão a fazer (e a concertar alguns) no encadernador da rua larga de S. Roque, ao pé do segeiro.

«Concluo este longo e seccante cartapacio declarando que, apesar de minucioso e seccante, estou certo que lhe ha de faltar muita coisa, que só á vista e conversando se póde explicar. Egualmente desejo que saiba que de antemão approvo tudo o que resolver e determinar, e que todas as contas approvadas e rubricadas por v. serão promptamente satisfeitas.

«Se alguma coisa, qualquer que seja, convier porém pagar logo de contado, ou adiantar para quaesquer despezas, lhe peço encarecidamente que m'o faça immediatamente saber para se aprompiar o dinheiro necessario. Receioso de que o não leve a bem, não mando já com esta algum dinheiro que possa ser preciso, na certeza de que não fará commigo ceremonia, que lhe não mereço, porque me confesso de v. amigo muito obrigado — *Almeida Garrett.*»

«P. S. Escrevo n'esta data ao armador Gaspar e ao tal sr. Militão, para os pôr de accordo.»

Com esta longa carta veiu outra para mim, de tamanho pouco menor, incitando-me a que afervorasse o zelo de Gonçalves e o ajudasse quando podesse, sem *esquecer comtudo o pobre enfermo, que se via quasi sempre só, no desterro da Junqueira.*

(Continua)

F. GOMES DE AMORIM

EXPOSIÇÃO SOLEMNE
DO CORPO DE S. FRANCISCO XAVIER EM 1859

Mas quem de Xavier, lustre de Hespanha,
Não folga ao ler a historia portentosa;
Por quem tanta nação remota, estranha,
Da evangelica luz os raios goza?
Mil vezes mais que bellica façanha
Val do apostolo a empreza gloriosa.
Lusa terra além mar guarda teus ossos:
Propicio acolhe, o santo, os cultos nossos!

VIALE — *Bosq. metrico da Hist. de Port.*

A pag. 249 do vol. II do nosso *Archivo*, démos uma optima gravura do famoso tumulo de S. Francisco Xavier, que está na egreja do Bom Jesus, antiga casa professa dos jesuitas em Goa, a Velha, para onde foi trasladado em 1655.

Está esta estampa acompanhada do epitome da vida do glorioso apostolo e defensor do Oriente, escripto pelo illustre collaborador, e desvelado protector d'este jornal o sr. Carlos José Caldeira, que lhe juntou a inscripção epitaphica nas linguas chineza e portugueza, que ainda ha poucos annos existia n'uma lapida, que os christãos chins haviam posto perpendicularmente sobre a primeira sepultura do Santo Xavier, na ilha de Sanchoão.

A releição d'esse excellente e mui noticioso artigo, convidâmos agora os nossos leitores, para melhor intelligencia do que vamos referir-lhe tocante á solemne exposição, que ultimamente se fez, do corpo do santo que tanto concorreu para a civilisação do nosso imperio na Asia, em cujo territorio missionou, durante dez annos, percorrendo mais de trinta mil legoas, doutrinando e baptisando para cima de trezentas mil almas!

A grande devoção que não só as christandades da Asia, mas os proprios gentios conservam a S. Francisco Xavier, suggeriu ao douto litterato secretario do governo da India portugueza, o sr. J. H. da Cunha Rivara, de accordo com o zeloso governador d'aquelle estado, o sr. visconde de Torres Novas, a boa lembrança de fazer uma segunda exposição publica e solemne do corpo do santo, tal qual se tinha feito já em 1782, sendo capitão general da India D. Frederico Guilherme de Sousa.

Por curiosidade ou devoção, se abria muitas vezes, antes de 1775, o cofre ou caixão que encerra desde 1552 o corpo de S. Francisco Xavier. Mas vendo o governador da India, que n'aquelle anno de 1755 era o conde de Alva, resultarem de taes aberturas e revolvimentos damnos e extravios, porque sempre se tirava e dava alguma reliquia, sollicitou, e obteve, que sem licença expressa do governo da metropole fosse prohibido abrir-se o tumulo.

Em 1782, por instancia do padre Antonio Luiz dos Santos, reitor do collegio das Missões da ilha de Chorão, concedeu a rainha D. Maria I licença para se expor á devoção dos fieis o corpo do Santo Xavier, fazendo-se primeiro um auto de abertura e exame, na presença do governador e de todas as auctoridades civis e militares. O auto lavrado no primeiro de janeiro do referido anno de 1782, diz em substancia o seguinte:

Que aberto o cofre em que está o corpo do santo, se achou vestido com os paramentos sacerdotaes: Que tem a cabeça inteira com bastantes cabellos no casco, os quaes sensivelmente se acham: Que tem o rosto, com todas as feições, carcomido, mas coberto de pelle, exceptuando a parte direita que tem uma pequena contusão: Que tem ambas as orelhas, e todos os dentes visiveis, e sómente lhe falta um: Que tem o braço esquerdo com a mão inteira coberta de pelle carcomida: Que lhe falta o braço direito, e se diz, por tradição, que fôra para Roma no tempo que existiam os padres da companhia de Jesus e, tinha o mais corpo, em que sómente lhe faltavam os intestinos, como o apalpou o bispo de Cochim, tocando com a mão o corpo por baixo das vestimentas: Que tem as pernas cobertas de pelle resequida: Que tinha os pés nús cobertos de pelle, divisando-se-lhe as vêas com as unhas nos dedos, e lhe falta sómente um dedo no pé direito, que lhe foi tirado por devoção de uma pessoa devota, e se acha em casa do intendente geral, como elle attestou. Ultimamente assentaram que o corpo e reliquias do mesmo santo se achavam em estado de se poderem decentemente mostrar ao publico, para excitar e augmentar a devoção dos povos.

Similhantemente se procedeu na abertura feita em 12 de outubro do anno 1859, cujo auto diz, em summa, o seguinte:

«E logo com as chaves que existiam na secretaria do governo geral, e no acto foram apresentadas, se abriu o cofre em que está o corpo do dito santo, e se achou vestido de vestimentas sacerdotaes; e procedendo os facultativos de que se compõe a junta de saude, o physico-mór, Eduardo de Freitas e Almeida, o cirurgião-mór José Antonio d'Oliveira, e o cirurgião de classe Antonio José da Gama, ao exame do mesmo corpo, acharam o craneo revestido pelo lado direito, do respectivo coiro ainda com cabellos, mas raros, e do lado esquerdo completamente descoberto. A face revestida toda de pelle resequida e escura, com uma abertura do lado direito communicando com o seio maxillar do mesmo lado, a qual parece corresponder ao logar da contusão a que se refere o auto feito em um de janeiro de 1782; dos dentes visiveis, só falta um dos incisivos inferiores; existem ambas as orelhas; falta o braço direito, e a mão esquerda acha-se inteira, inclusivè as unhas, do mesmo modo como está indicado no referido auto, as paredes abdominaes cobertas de pelle resequida, e algum tanto escura, e não contendo no ventre os intestinos; os pés cobertos de pelle, tambem resequida e escura, deixando perceber a saliencia dos tendões, faltando no pé direito o quarto e quinto dedos, existindo porém de um

d'estes alguns restos da pelle e phalanges em estado muito esponjoso. Em vista do que, se assentou que o corpo e reliquias do mesmo santo estavam em estado de se poder expôr á veneração publica, para excitar e augmentar a devoção dos povos.

Ambos estes autos officiaes vem transcriptos no «Resumo historico da maravilhosa vida, conversões e milagres de S. Francisco Xavier», publicado em Goa, o anno passado, pelo sr. Filippe Nery Xavier, para ser vendido aos fieis, concorrentes á exposição do corpo do santo, de que se tiraram 2,500 exemplares que logo se extrahiram, sendo necessario fazer segunda edição.

Sobre taes autos, e notas de que os acompanhou o auctor no «Resumo», temos que fazer algumas observações.

Diz-se no primeiro, constar *por tradição* ter ido o braço direito do santo para Roma. Não é por simples tradição, mas por documento impresso, que nos admira não ser conhecido em Goa!

A rainha D. Maria Sophia, mulher d'el-rei D. Pedro II, grande devota de S. Francisco Xavier, pediu ao padre Antonio Vieira lhe fizesse um sermão d'este santo. O facundo prégador regio fez-lhe, não um mas quinze, apesar de ter já os seus oitenta e tantos annos. N'elles está eloquentemente compendiada toda a vida do apostolo do Oriente; e um é todo consagrado ao córte do braço do santo, a rogos do papa.

Eis como refere Antonio Vieira este successo, com todas as pias illusões d'aquelle tempo.

«Perseverou inteiro o corpo morto de S. Francisco Xavier, sessenta e tres annos, até que no de 1614, que foi para a sua inteireza o climaterico, se dividiu, e lhe foi cortado o braço direito.

Constando ao summo pontifice Paulo V, que o corpo do Padre Francisco Xavier se conservára inteiro, com isenções, da natureza e da morte, tão singulares, desejou ter comsigo uma reliquia do mesmo corpo, que assim chama a egreja ás partes principaes de que se compõe. E como os desejos da suprema auctoridade são os modos mais apertados de mandar, declarado este por S. S. á Companhia, elle foi o golpe que a obrigou a uma tão rigorosa separação.

O logar que se elegeu, foi uma capella interior para onde se trasladou o santo corpo a titulo de maior decencia. O tempo, o mais secreto da meia noite, sem noticia, dentro nem fóra, do que estava determinado, porque, sabendo-se, toda Goa e toda a India se poria em armas, para defender o braço que tantas vezes as tinha defendido. Os assistentes eram o visitador, o provincial, o preposito, e tres consultores da provincia: o executor um irmão leigo, por não parecer decente que as mãos sagradas, que offerecem a Deus o sacrificio incruento de seu Filho, se ensanguentassem no de Xavier. Postos assim de joelhos todos, levantou o executor o braço do santo, tão natural e flexivel como se fosse de um corpo vivo que estivesse dormindo, e indo para o cortar, eis que subitamente tremeu a terra, a capella, e todos os que n'ella estavam! Tornam segunda vez a intentar o golpe, e não só o pavimento, mas as paredes, com segundo tremor, pareciam que se queriam arruinar, desencaixando-se as pedras. Quem não desanimára com a repetição de tal prodigio! Insistindo, porém, terceira vez no mesmo intento, foi tanto maior o tremor e abalo, que o tecto, e todo o edificio d'aquella grande casa, caía sobre os que estavam na capella, com que todos attonitos saíram para fóra.

Feita por elles nova consulta, quando parece que se havia de resolver n'ella, que se rescrevesse a Roma, e se representassem os manifestos e prodigiosos indicios com que Deus mostrava que não era servido que o santo corpo se dividisse, mas perseverasse inteiro, para que a sua mesma inteireza fosse um perpetuo testimunho a todo o Oriente da verdade da Fé que lhe prégára; o que se resolveu foi, que tomassem ao mesmo Santo por intercessor contra si, e lhe pedissem licença para a execução do que eram mandados. Entram outra vez todos na mesma capella, e postos de joelhos, fallou assim um dos prelados: Bemaventurado Santo, bem sabeis vós que vimos aqui não tanto por nossa vontade, quanto por obediencia de nosso padre geral. E pois em vida fostes tão obediente, dae-nos agora depois de morto licença para que possamos executar o que se nos ordena, mandando esta reliquia de vosso corpo, que a pede o Summo Pontifice. Disse, e em se ouvindo o nome do Summo Pontifice, do padre geral, e esta palavra obediencia, obedeceu o Santo, obedeceu a terra, obedeceram as paredes, obedeceu tudo, e o braço se deixou cortar, manando da ferida tanto sangue, que encheu um vaso de prata, e se banhou n'elle uma toalha, que para esse effeito ia prevenida, a qual depois de muitos annos levou o conde de Linhares, viso-rei da India, para apresentar a el-rei D. Filippe IV.»

Aqui damos o *fac-simile* das fitas ou medidas do comprimento do corpo do santo, e n'elle tocadas depois de bentas, que se davam por differentes esmolas, durante a exposição.

Umas eram de seda e de diversos preços, a saber: de 3 xerafins (480 rs. fortes): de 2 xerafins (320 rs.): de 1 xerafim (160 rs.): de 4 tangas (120 rs.): de 3 tangas (96 rs.): de 2 tangas e 30 rs. (80 rs.): de 2 tangas (64 rs.)

Outras de nastro, ou linho sarjadas, largas 2 tangas (64 rs.): estreitas 1 tanga e 30 rs.: as não sarjadas tambem a 1 tanga e 30 rs.

De algodão lisas a 1 tanga (32 rs.)

A que representa o *fac-simile* é das de seda lavrada, da primeira sorte.

(Continúa)

✠ *Aguila*, en la velocidad. *Leon*, en la vigilancia. *Bezerro*, en la fatiga. *Hombre*, en el valor.

MEMORIA = S. F. X. = 1859.
Tocada no seu CORPO e benta.
Nasceu-1497. ✠ Morreu 1552.

An gel, in la pureza. *Ardente raio* del vivo esplendor. *Todo*, en la virtud. *Nada*, en la humildad. ✠

TICIANO

Foi este celebre pintor italiano um dos homens que mais se gozaram da vida. A sua opulencia lhe proporcionou a satisfação de ter á sua mesa até os proprios cardeaes, e tratal-os com magnificencia. O seu bom caracter, o seu genio sempre affavel e jovial, faziam-n'o amar e procurar de toda a gente, tanto ou mais que pelo seu merito e talento artistico. A saude que teve sempre até á edade de 99 annos, lhe enflorou os dias da sua longa vida.

Era modesto, não dizia mal de nenhum pintor, e até elogiava os seus rivaes. Era mui jovial, escrevia e fallava perfeitamente. Ainda mais uma feição que

define o caracter de Ticiano, e que raras vezes se acha em elogio de artistas, é que a sua moralidade foi sempre irreprehensivel.

Eis como elle costumava trabalhar: depois de esboçar um quadro, voltava-o para a parede esquecendo-o por algum tempo; depois, quando estava menos preoccupado da sua idéa, examinava-o com olhos criticos, corrigia o que lhe desagradava, até que em fim o concluia.

Apenas este grande artista começou a trabalhar sob a direcção de Giorgione, pintou uma Judith, da maneira d'este mestre, pela qual toda a gente felicitou Giorgione, tendo-a por obra d'elle, e asseverando ser o melhor quadro da sua mão. Enraivecia-se Giorgione de ser obrigado a responder, que esta admiravel Judith era obra de seu discipulo, e temendo passar muitas vezes pelo mesmo desar, pediu a seu discipulo que procurasse outro mestre. Eis como o genio logo se revela.

Tendo depois Ticiano travado amizade com Ariosto, estes dois homens celebres empregaram os seus talentos em se honrarem mutuamente. Ticiano fez o retrato d'este famoso poeta, e Ariosto o elogio de Ticiano no seu poema de *Rolando*. E o que mais é, alcançou a ventura de ser estimado de Aretino, d'este satyrico e venal poeta, cuja mordacidade temiam até os reis, sollicitando a sua amizade. Aretino, compadecido da pobreza de Ticiano, foi quem pela imprensa divulgou o talento d'este pintor, apresentando-o ao imperador Carlos v, que tanto o patrocinou e enriqueceu. Quando Ticiano pintava, tinha muitas vezes por leitor um homem celebre na republica das letras. Aretino lia-lhe muitas vezes.

Diz-se que Ticiano costumava deixar aberta a porta do seu estudo, fingindo ter-se esquecido de a fechar, e que os discipulos, na sua ausencia, lhe copiavam os quadros. Elle, porém, longe de se escandalisar com similhante fraude, retocava estas copias furtivas, que se vendiam por bom preço.

Nota-se nas cartas de Ticiano, que fallando elle das suas pinturas, nunca as designa pelas suas palavras italianas: *quadro ou tavola;* mas por termos que indicam o grande conceito que fazia da pintura. Por exemplo, a um que lhe tinha encommendado a famosa téla de Venus e Adonis, escrevia: Acabei a *fabula* de Venus e Adonis; e a outro: Brevemente vos remetterei a *poesia* de Perseo e Andromaca, outro quadro famoso da mão d'este mestre. Oxalá que todos os pintores ligassem á sua arte a mesma grandeza e sublimidade.

O pontifice Paulo III, querendo testimunhar o affecto que tinha a este pintor, e honrar a arte, offereceu-lhe um bispado para seu filho Pomponio, mas o artista recusou esta offerta, dizendo que não devia por ambição e vangloria elevar seu filho á prelatura. O mesmo papa quiz dar a Ticiano o officio de sellador das bullas, que tinha consideraveis emolumentos, e tambem o desinteressado artista preferiu viver tranquillamente na sociedade de seus amigos.

Ticiano fez tres retratos de Carlos v, e este imperador dizia, que por tres vezes recebêra a immortalidade das mãos do seu pintor. Por isso lhe conferiu uma honra singular para aquelles tempos, que foi, ordenar-lhe que no grande quadro em que se representavam os homens illustres da casa d'Austria, se incluisse e retratasse a si proprio. Ticiano não podendo desobedecer a esta honorifica determinação de Carlos v, deixou perpetuada a sua modestia, retratando-se no logar menos apparente do quadro.

O monarcha não se contentou só com esta distincção, porque o recompensou ainda mais, nomeando-o conde Palatino, e condecorando-o com a ordem de S. Thiago. Ha mais outro rasgo d'este imperador para com o artista, que bom é repetil-o e divulgal-o para lição dos monarchas endeusados e arrogantes. N'um dia em que Ticiano fazia o terceiro retrato de Carlos v, succedeu cair-lhe o pincel. O imperador levantou-se para lh'o apanhar. O artista ajoelhou commovido, exclamando: «Sr, eu não sou digno de tal honra.» Carlos v replicou: «Ticiano deve ser servido por Cesar.»

Ticiano nasceu em 1477, e casou-se na edade de 86 annos com uma menina que tinha apenas 15. Alguns querem que fosse muito antes; o certo é que elle pintou sua mulher na figura de Venus, e tambem a representou n'um quadro de Nossa Senhora com o Menino Jesus. Morreu em 1576, de peste, mas fez-se-lhe funeral, sendo aliás prohibido aos que morriam da fatal doença, para evitar os damnos e terror proprio de taes quadras. Tal era a consideração em que o tinham os seus concidadãos.

No colorido é que sobre tudo primou este pintor, e tanto que se julga inimitavel. Pintava superiormente mulheres e meninos, mas não tão bem os homens. Em retratos, porém, foi admiravel. Tratou todos os generos de pintura, e na de paizagem era naturalissimo.



Ticiano

Tambem gravou em madeira muitos desenhos dos seus primeiros quadros, quando ainda não tinha a reputação que depois adquiriu: e entre estas suas gravuras ha uma caricatura em que Ticiano, querendo zombar dos que copiavam mal o Laocoonte, famosa esculptura antiga que está em Roma, representou muitos macaquinhos a imitarem aquelle famoso grupo.

O celebre pintor portuguez do seculo XVI, Affonso Sanches Coelho, a quem Filippe II chamava nas suas cartas o *Ticiano portuguez*, copiou para o paço do Escurial o quadro das *Furias*, de Ticiano, com tanta similhança, que até os entendedores o reputavam por original.

O sr. conde de Penamacôr possue uma excellente copia do quadro d'este mestre, que está no Escurial, representando *Christo orando no Horto*.

O imperador Marco Antonio mandou que todos os homens trouxessem sobre si o signal da profissão que tinham; e quem o não trazia era condemnado a servir nas obras publicas. Que grande contingente para as nossas estradas!

Explicação do enigma do numero antecedente

Um estouvado faz tudo torto ou ás avessas.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do conde de Sampaio.